

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE ZOOTECNIA**

MARCUS VINÍCIUS MACHADO CARVALHO

**CARACTERIZAÇÃO DA PELAGEM DA RAÇA BOVINA
CRIOULA LAGEANA E O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS
CRIADORES**

**FLORIANÓPOLIS - SC
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE ZOOTECNIA**

MARCUS VINÍCIUS MACHADO CARVALHO

**CARACTERIZAÇÃO DA PELAGEM DA RAÇA BOVINA
CRIOULA LAGEANA E O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS
CRIADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do Diploma de Graduação em Zootecnia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador(a): Professora Sandra Regina Souza Teixeira de Carvalho.

**FLORIANÓPOLIS - SC
2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Machado C., Marcus V.

Caracterização da Pelagem da Raça Bovina Crioula Lageana e o Perfil Socioeconômico dos Criadores / Marcus V. Machado C. ; orientadora, Sandra Regina Souza Teixeira de Carvalho, coorientador, Sérgio Augusto Ferreira de Quadros, 2019.

41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Graduação em Zootecnia, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Zootecnia. 2. Pelagens da Raça Bovina Crioula Lageana. 3. Perfil Socioeconômico dos Criadores.

I.SouzaTeixeira de Carvalho, Sandra Regina . II.

Ferreira de
Quadros, Sérgio Augusto. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Zootecnia. IV. Título.

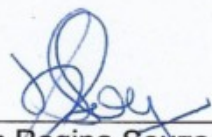
MARCUS VINÍCIUS MACHADO CARVALHO

**CARACTERIZAÇÃO DA PELAGEM DA RAÇA BOVINA
CRIOULA LAGEANA E O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS
CRIADORES**

Esta Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso foi julgada aprovada e adequada para obtenção do grau de Zootecnista.

Florianópolis, 19 de Junho de 2019.

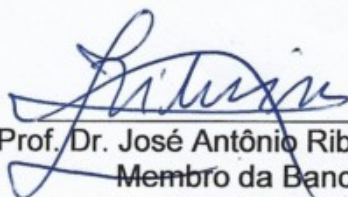
Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Sandra Regina Souza Teixeira de Carvalho
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Sérgio Augusto Ferreira de Quadros
Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. José Antônio Ribas Ribeiro
Membro da Banca
Membro da ABCCL

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado ao meu querido tio,
Rodney Brasil Machado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por permitir chegar até este momento e por estar sempre presente em todos os momentos.

Agradeço aos meus pais, Rosana Machado e Ramiro Domingues Carvalho, por todo o apoio e tempo dedicado a mim.

Agradeço a minha avó, Virialda Joaquina Leite Machado, pelos ensinamentos transmitidos geralmente por histórias contadas em nossas conversas e pelo meu avô Brasil Luiz Machado, que mesmo não estando mais neste plano, serve de exemplo a ser seguido por mim.

Agradeço a minha namorada, Yohana Martinez França, pela companhia, carinho e apoio durante esta trajetória acadêmica.

Agradeço aos demais familiares pelo incentivo positivo durante o percurso na Universidade, destacando os meus padrinhos que também não se encontram mais neste plano, Fermínia Lucinda dos Passos e José Augusto dos Passos.

Agradeço a minha orientadora, Sandra Regina Souza Teixeira de Carvalho, pelo auxílio durante o curso e na realização deste trabalho e também de servir como exemplo a ser seguido por mim como profissional.

Agradeço a todos os professores por terem dividido comigo suas experiências, destacando os professores Sérgio Augusto Ferreira de Quadros, Marcio Cinachi Pereira, Renato Irgang, Lucélia Hauptli entre muitos outros.

Agradeço aos produtores da raça Crioula Lageana e a Associação Brasileira de Criadores da Raça Crioula Lageana (ABCCL), em especial Edison Martins e José Antônio Ribas Ribeiro, que me auxiliaram muito na coleta de dados na serra catarinense.

Agradeço aos meus colegas e amigos que conheci cursando Zootecnia, pela parceria e momentos de alegria, como, Edemar da Silva, Valdir Athayde, Alba Oliboni, Vanessa Jochem, entre outros. E aos meus amigos Rodrigo Lopes Adolph e Gabriela W. Vieira.

Agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que conseguisse chegar até este ponto.

“A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo que seus
animais são tratados.”
(Mahatma Gandhi).

RESUMO

A raça bovina Crioula Lageana tem como ancestrais os bovinos de origem portuguesa e espanhola, introduzidos no Brasil na época do descobrimento do país. Segundo McManus et al. (2010), a origem da raça provém das Missões Jesuíticas, localizadas no Rio Grande do Sul, divisa com Santa Catarina. No período do tropeirismo, onde os bovinos saíam do RS com destino ao sudeste, durante o trajeto alguns animais se desprendiam do rebanho e viviam livres nos campos da serra catarinense, onde se adaptaram ao clima, relevo e vegetação, tornando-se uma raça autóctone da região serrana do estado de Santa Catarina. A raça já esteve ameaçada de extinção, por este motivo devemos preservá-la. Uma forma seria fazendo pesquisas e comprovando que ela pode ser lucrativa. Como por exemplo, podemos evidenciar que a raça pode apresentar mais de quarenta tipos de pelagens, sendo as mais comuns a africana vermelha e preta com focinho e orelhas da mesma cor (MARTINS *et al.*, 2009). O couro do Crioulo Lageano, por possuir uma diversidade de pelagens e por possuir importância histórica, pode ser explorado economicamente criando nicho de mercado diferenciado, com artigos sendo confeccionados com esta matéria prima. Iremos levantar também o perfil socioeconômico dos produtores da raça, para revelar a importância da raça nos dias atuais e além disto tentar delinear o futuro da Crioula Lageana.

Palavras-chave: Raça Bovina Crioula Lageana, Serra Catarinense, Pelagens, Nicho de Mercado, Perfil Socioeconômico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Caminho dos tropeiros	16
Figura 2: Dados gerais da região da Serra Catarinense	19
Figura 3: Africana Jaguané.	21
Figura 4: Africana Pintada.	21
Figura 5: Africana Rosilha.	21
Figura 6: Africano Vermelho.	21
Figura 7: Baia Bragada Oveira.	22
Figura 8: Baio.	22
Figura 9: Barrosa Bragada.	22
Figura 10: Barrosa.	22
Figura 11: Branca.	22
Figura 12: Brasina Jaguané Oveira.	22
Figura 13: Brasina.	23
Figura 14: Jaguané Baio.	23
Figura 15: Jaguané Barrosa.	23
Figura 16: Jaguané Fumaça.	23
Figura 17: Jaguané Moura.	23
Figura 18: Jaguané Pintada Vermelha.	23
Figura 19: Jaguané Preta.	24
Figura 20: Jaguané Rosilha.	24
Figura 21: Jaguané Ruça.	24
Figura 22: Jaguané Salina.	24
Figura 23: Jaguané Vermelha.	24
Figura 24: Nila.	24
Figura 25: Osca.	25
Figura 26: Oveira Barrosa.	25
Figura 27: Oveira Vermelha.	25
Figura 28: Pintada.	25
Figura 29: Rosilha Bragada.	25
Figura 30 Rosilha Salina.	25
Figura 31: Rosilho.	26

Figura 32: Salina Moura.	26
Figura 33: Salina Preta.....	26
Figura 34: Salina Vermelha.	26
Figura 35: Salina.	26
Figura 36: Vermelha Bragada Estrela.	26
Figura 37: Vermelha Bragada.	27
Figura 38: Vermelha.....	27
Figura 39: Vermelho Gargantilha.	27
Figura 40: Berrenda (Fêmea da Raça CL.).....	27
Figura 41: Berrenda (Macho da Raça CL.)	27
Figura 42: Berrenda Oveira Pintada.....	28
Figura 43: Raça Espanhola Berrenda em Colorado.....	28
Figura 44: Ilustração da pelagem salina.....	30
Figura 45: Ilustração da pelagem pintada.	30
Figura 46: Ilustração da pelagem picaço.....	30
Figura 47: Ilustração da pelagem oveira.	30
Figura 48: Ilustração da pelagem brasina.	31
Figura 49: Ilustração da pelagem bragada.....	31
Figura 50: Ilustração da diferença da pelagem nila e pampa.....	32
Figura 51: Ilustração da pelagem jaguané.	32
Figura 52: Ilustração da pelagem africana.	32
Figura 53: Organograma das pelagens bovinas.....	33
Figura 54: Possibilidade de sucessão.	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informações Gerais do Rebanho da Raça Bovina Crioula Lageana.	34
Tabela 2 – Porcentagem da receita das propriedades.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	14
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
3.1 REGIÃO	15
3.2 ORIGEM DA RAÇA BOVINA CRIOULA LAGEANA	15
3.3 CARACTERÍSTICAS DA RAÇA CRIOULA LAGEANA	17
3.4 PELAGENS	17
3.4.1 Pelagem do Crioulo Lageano	18
3.5 PERFIL SOCIOECONÔMICO DA REGIÃO	19
4 METODOLOGIA	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PELAGENS	21
5.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS CRIADORES	33
6 CONCLUSÕES	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	38
ANEXO A - Questionário	39

1 INTRODUÇÃO

Antes do descobrimento da América não havia rebanhos bovinos no continente. Foram os colonizadores que trouxeram os primeiros animais bovinos de origem ibérica, descendentes diretos do Auroque, ancestral dos bovinos conhecidos atualmente.

A raça bovina Crioula Lageana tem como ancestrais os bovinos de origem portuguesa e espanhola introduzidos no Brasil na época do descobrimento do país. Segundo McManus et al. (2010), a origem da raça provém das Missões Jesuíticas, lugar onde os padres da ordem jesuítica viviam e desenvolviam atividades relacionadas a igreja católica, localizadas no Rio Grande do Sul, divisa com Santa Catarina.

As reses que participavam das missões tinham como objetivo alimentar o povo das Missões, religiosos e indígenas. Com o início do tropeirismo os animais foram levados para a Região Sudeste para abastecer principalmente os estados de São Paulo e Minas Gerais (FORTKAMP, 2011).

Durante o trajeto entre RS e SP, ao passar por Santa Catarina, alguns exemplares acabavam se desprendendo das tropas e formar rebanhos nas matas do Planalto Catarinense (MARTINS *et al.*, 2009).

Estes animais remanescentes se reproduziram, o número de indivíduos aumentou, as reses passaram por cerca de 500 anos de seleção genética natural e desta forma foi forjada a raça Crioula Lageana, sendo reconhecida através da Portaria nº1.048 de 31 de outubro de 2008, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Atualmente considerada raça autóctone do estado de Santa Catarina, após tantos anos de seleção natural, a espécie está adaptada ao relevo, à vegetação e ao clima da região do planalto. Dessa forma apresenta bons índices zootécnicos, com destaque para ganho de peso e alta habilidade materna.

Após meados do século XX, iniciou-se o processo de introdução de raças de bovinos exóticas, fazendo com que o interesse pela raça Crioula Lageana diminuísse e dessa forma a raça entrou em 2010 na lista da FAO (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION) de animais em ameaça de extinção.

Além da importância da conservação da raça pelo estado de Santa Catarina e por ser uma raça totalmente adaptada ao clima da serra catarinense, destaca-seo ganho de peso, habilidade materna e há também a valorização destes animais pela beleza das diversas pelagens que possui.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever os diferentes tipos de pelagens apresentados pela Raça Crioula Lageana e apresentar o perfil socioeconômico dos criadores.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Identificar, através da Associação de Criadores da Raça Crioula Lageana, o número de animais registrados no estado de Santa Catarina.

Coletar imagens fotográficas das diferentes pelagens existentes nas diversas propriedades.

Identificar e nomear as pelagens.

Fornecer o levantamento aos criadores da raça em formato de cartilha.

Caracterizar o perfil socioeconômico dos produtores da raça Crioula Lageana.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 REGIÃO

A região onde a raça Crioula Lageana foi forjada e onde a maioria dos exemplares se encontra, é conhecida como Planalto Catarinense, cuja característica principal conhecida nacionalmente, são as baixas temperaturas registradas no inverno. O Planalto localiza-se na porção central do estado de Santa Catarina, apresentando altitudes que oscilam entre 700 e 1800 metros acima do nível do mar (MARTINS *et al.*, 2009).

Na classificação de Köppen, o clima é do tipo Cfb (temperado úmido sem estiagem), chuvoso e com característica de invernos rigorosos e verões brandos. A temperatura média é de 15,7°C, com ocorrência de temperaturas abaixo de 0°C. A massa polar atlântica (mPa) atua intensamente nesta região, proporcionando intensas geadas e até precipitações de neve. Apresenta uma média de umidade relativa de 80% e precipitação média anual de 1500 mm (PERON *et al.*, 2009).

Na região há importantes bacias hidrográficas, como por exemplo a junção dos rios Pelotas e Canoas que formam a bacia do rio Uruguai, há também alguns pontos de abastecimento do aquífero Quarani (MARTINS *et al.*, 2009).

A vegetação do Planalto Catarinense é composto pela floresta de Araucária e as matas, que são adaptações da Mata Atlântica ao clima subtropical. Apresenta também campos nativos, onde há oferta de forrageiras naturais, conhecido também como Coxilha Rica (MARTINS *et al.*, 2009). Esta vegetação de maior porte geralmente acompanha os cursos d'água ou os topos de morro enquanto a vegetação predominante é rasteira composta por forrageiras que historicamente sustentaram os rebanhos locais.

3.2 ORIGEM DA RAÇA BOVINA CRIOULA LAGEANA

A raça bovina Crioula Lageana possui como ancestrais bovinos de origem Portuguesa e Espanhola, segundo os registros trazidos no ano de 1534 por Ana Pimentel de Souza, esposa de Martim Afonso de Souza (MCMANUS, 2010).

No Século XVI o Brasil apresentava propriedades com grandes extensões de terras e que não apresentavam divisões físicas como cercados para dividi-las ou

mesmo para demarcações, por isto os animais movimentavam-se por grandes distâncias, assim sendo os animais que estavam em solo da coroa Portuguesa, hoje sul do Brasil, passavam para solos da coroa Espanhola, atualmente Uruguai e Argentina, e ocorria o mesmo em relação aos bovinos espanhóis que passavam para o lado português (MARTINS, 2009).

Desta forma, os bovinos de diferentes origens se reproduziam, e aumentavam a heterose e o número de indivíduos no rebanho. Nas chamadas Missões dos Padres Jesuítas, que desde 1609 deram início a um trabalho de evangelização dos índios da vasta Província do Paraguai, obtiveram grande sucesso junto aos grupos Guarani, que viviam em aldeias agrícolas num sistema semi-nômade, criava-se estes bovinos, com o intuito de servirem como alimento (DAMIANI, 2019).

Com a expulsão dos Padres Jesuítas da região, os bovinos continuaram vivendo na região, e com o início do tropeirismo no Brasil, estes animais continuaram sendo criados assim como muares, para serem levados para os estados de São Paulo e Minas Gerais, servindo de alimento e força de trabalho (MARTINS *et al.*, 2009).

Figura 1: Caminho dos tropeiros



Fonte: Adaptado pelo autor.

Na passagem destes animais por Santa Catarina, alguns exemplares separavam-se do rebanho e permaneciam no Planalto Catarinense. Essas reses ficaram sem a interferência antrópica, mas sofrendo a seleção natural e desta forma transformando-se novamente em animais selvagens, onde se adaptaram a oferta

dealimentação nativa, ao clima, às intempéries da região entre outras características particulares do ambiente onde começaram a viver e a se reproduzir (MARTINS, 2009).

3.3 CARACTERÍSTICAS DA RAÇA CRIOULA LAGEANA

A raça possui porte avantajado, com tamanho considerado entre médio e grande. Apresentam tórax profundo, costelas pouco arqueadas, boa conformação de garupa, orelhas arredondadas e pequenas e possui perfil cefálico retilíneo (MARTINS *et al.*, 2009).

Segundo Martins (2009) a conformação da garupa é boa, apresenta esqueleto forte, possui inserção de cauda alta e expõe a região pélvica, característica que facilita o parto. Os membros são longos e estrutura óssea forte.

Na espécie citada, constata-se as variedades mocha e aspada, o que significa com ausência ou presença de chifres, respectivamente. Na variedade aspada, os animais apresentam um par de longos chifres com saída lateral que seguem em linha reta e posteriormente seguem para frente e para cima. Na variedade mocha, sendo os chifres ausentes, faz com que o manejo fique facilitado, podemos citar como exemplo no momento de transporte dos animais (MARTINS *et al.*, 2009).

3.4 PELAGENS

Segundo Rodrigues, pelagem é a coloração que reveste a parte externo do animal, que é constituído de pele e pelos, sendo determinado por interações de vários locos gênicos, e é um dos atributos para identificação de raças assim como outras características e podem ser classificadas como simples, composta e conjugada.

Segundo este autor, a forma simples, é aquela composta por apenas uma cor, podendo ser branca, preta e vermelha. A composta é constituída de pelos de duas ou mais cores distribuídas uniformemente pelo corpo do animal, e a conjugada são pelos de diferentes cores, porém dispostas em forma de malhas ou manchas regulares.

3.4.1 PELAGEM DO CRIOULO LAGEANO

Segundo Martins (2009), os animais apresentam pele grossa e pigmentada com pelos curtos e grossos que variam de tonalidade de branco até preto, as mucosas são pigmentadas e seguem o mesmo padrão observado nos chifres e cascos. O autor salienta a grande variedade de pelagens existentes na raça Crioula Lageana, podendo citar, Africana Vermelha, Africana Preta, Baio ou Preto, Jaguané, Oveiro Vermelho, Osco, Vermelho, Brasino, Churriado Salino, Nila, Berrenda em Preto ou Vermelho e Moura.

A raça pode apresentar mais de quarenta tipos de pelagens, sendo as mais comuns a africana vermelha e preta com focinho e orelhas da mesma cor (MARTINS *et al.*, 2009). O couro do Crioulo Lageano, por possuir uma diversidade de pelagens e por possuir importância histórica, pode ser explorado economicamente criando nicho de mercado diferenciado, com artigos sendo confeccionados com esta matéria prima. Com este propósito e também o de estudar esta característica na raça Crioula Lageana, raça nacional com grande diversidade de pelagens, se fará o estudo desta importante característica do exterior dos bovinos.

3.5 PERFIL SOCIOECONÔMICO DA REGIÃO

Na figura abaixo podemos identificar os dados gerais que o Planalto Catarinense apresenta, como os municípios que pertence a essa região, número de habitantes, área, altitude entre outros.

Figura 2: Dados gerais da região da Serra Catarinense

Aspectos Gerais e Históricos																															
Coordenadoria Regional do SEBRAE/SC	Macrorregião Serra Catarinense																														
Município sede da Coordenadoria	Lages																														
Área territorial (km ²)	22.132,3																														
População Total 2010	403.750																														
Densidade demográfica 2010 (hab/km ²)	18,24																														
Altitude (metros)	Altitude média de 740 metros acima do nível do mar, sendo mínima de 716 metros registrada em Abdon Batista e máxima de 1.353 metros em São Joaquim.																														
Clima	Predomínio do clima Mesotérmico úmido, com temperatura média 16°C. Registra-se também a incidência do clima subtropical e temperado com inverno rigoroso e temperaturas abaixo de 0°C.																														
Colonização	Predomina na região a colonização de origem alemã. Também registra-se a em menor número, colonizadores italianos, poloneses, japoneses, húngaros, ucranianos, tchecos e dos tropeiros gaúchos.																														
Número de Eleitores	309.317																														
Número de Municípios	29																														
Municípios	<table border="0"> <tbody> <tr> <td>Abdon Batista</td> <td>Monte Carlo</td> </tr> <tr> <td>Anita Garibaldi</td> <td>Otacílio Costa</td> </tr> <tr> <td>Bocaina do Sul</td> <td>Painel</td> </tr> <tr> <td>Bom Jardim da Serra</td> <td>Palmeira</td> </tr> <tr> <td>Bom Retiro</td> <td>Ponte Alta</td> </tr> <tr> <td>Brunópolis</td> <td>Ponte Alta do Norte</td> </tr> <tr> <td>Campo Belo do Sul</td> <td>Rio Rufino</td> </tr> <tr> <td>Campos Novos</td> <td>Santa Cecília</td> </tr> <tr> <td>Capão Alto</td> <td>São Cristovão do Sul</td> </tr> <tr> <td>Celso Ramos</td> <td>São Joaquim</td> </tr> <tr> <td>Cerro Negro</td> <td>São José do Cerrito</td> </tr> <tr> <td>Correia Pinto</td> <td>Urubici</td> </tr> <tr> <td>Curitibanos</td> <td>Urupema</td> </tr> <tr> <td>Frei Rogério</td> <td>Vargem</td> </tr> <tr> <td>Lages</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Abdon Batista	Monte Carlo	Anita Garibaldi	Otacílio Costa	Bocaina do Sul	Painel	Bom Jardim da Serra	Palmeira	Bom Retiro	Ponte Alta	Brunópolis	Ponte Alta do Norte	Campo Belo do Sul	Rio Rufino	Campos Novos	Santa Cecília	Capão Alto	São Cristovão do Sul	Celso Ramos	São Joaquim	Cerro Negro	São José do Cerrito	Correia Pinto	Urubici	Curitibanos	Urupema	Frei Rogério	Vargem	Lages	
Abdon Batista	Monte Carlo																														
Anita Garibaldi	Otacílio Costa																														
Bocaina do Sul	Painel																														
Bom Jardim da Serra	Palmeira																														
Bom Retiro	Ponte Alta																														
Brunópolis	Ponte Alta do Norte																														
Campo Belo do Sul	Rio Rufino																														
Campos Novos	Santa Cecília																														
Capão Alto	São Cristovão do Sul																														
Celso Ramos	São Joaquim																														
Cerro Negro	São José do Cerrito																														
Correia Pinto	Urubici																														
Curitibanos	Urupema																														
Frei Rogério	Vargem																														
Lages																															

Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012. - Governo do Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado do Planejamento, 2012. - Unidade de Gestão Estratégica do Sebrae/SC (UGE), Estrutura Organizacional das Coordenadorias Regionais. - Federação Catarinense de Municípios (FECAM). - Santa Catarina Turismo S/A (SANTUR).

Segundo dados do SEBRAE, 2013, o Índice de Desenvolvimento Humano, que indica a qualidade de vida e o índice de desenvolvimento econômico, dos municípios da Serra Catarinense varia de 0,686 a 0,813, que mostra resultados considerados de médio a bom.

A economia desta região provém do turismo, indústrias, comércio e produção agropecuária, como, silvicultura, apicultura, piscicultura, fruticultura, produção de pinhão e a pecuária, principalmente a bovinocultura.

4 METODOLOGIA

A maior parte do rebanho da raça encontra-se na região do Planalto Catarinense, mais especificamente em Lages e municípios próximos. Foi requisitado o auxílio da Associação Brasileira dos Criadores da Raça Crioula Lageana (ABCCL), para disponibilizasse a relação e a localização dos produtores desta raça.

Com a permissão do produtor, foram feitos registros fotográficos dos exemplares da raça Crioula Lageana, utilizado uma máquina digital semiprofissional da marca Nikon, modelo P-510.

Após a retirada das fotografias, as pelagens foram classificadas e nomeadas. Posteriormente, com o auxílio da Editora UFSC, pretende-se elaborar uma cartilha para disponibilizar aos produtores e a comunidade.

No estudo também foi elaborado um questionário estruturado à partir da revisão bibliográfica, para levantamento do perfil geral e socioeconômico dos produtores da raça a fim de pesquisar sobre o impacto da produção destes animais na renda familiar do produtor.

O questionário elaborado foi aplicado pessoalmente na região serrana do Estado de Santa Catarina e divulgado em diversas plataformas digitais e redes sociais, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PELAGENS

No levantamento das pelagens da raça bovina Crioula Lageana, foram identificadas diversas pelagens ainda não citadas em literatura. Há casos onde os animais apresentam mais de uma pelagem no mesmo indivíduo.

Segue as pelagens encontradas na Raça Bovina Crioula Lageana:

Figura 3: Africana Jaguané.



Figura 4: Africana Pintada.



Figura 5: Africana Rosilha.



Figura 6: Africano Vermelho.



Figura 7: Baia Bragada Oveira.



Figura 8: Baio.



Figura 9: Barrosa Bragada.



Figura 10: Barrosa.



Figura 11: Branca.



Figura 12: Brasina Jaguané Oveira.

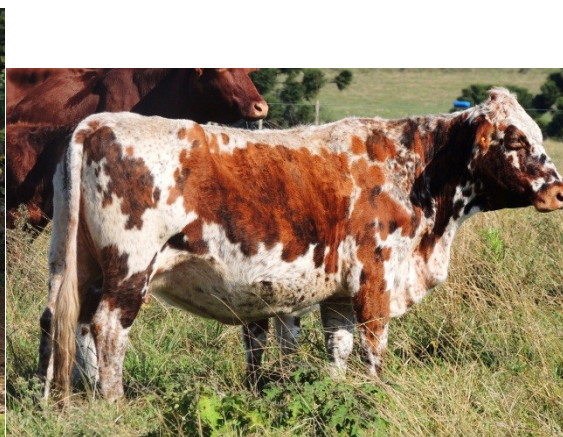


Figura 13: Brasina.



Figura 14: Jaguané Baio.



Figura 15: Jaguané Barrosa.



Figura 16: Jaguané Fumaça.



Figura 17: Jaguané Moura.



Figura 18: Jaguané Pintada Vermelha.



Figura 19: Jaguané Preta.



Figura 20: Jaguané Rosilha.



Figura 21: Jaguané Ruça.



Figura 22: Jaguané Salina.



Figura 23: Jaguané Vermelha.



Figura 24: Nila.



Figura 25: Osca.



Figura 26: Oveira Barrosa.



Figura 27: Oveira Vermelha.

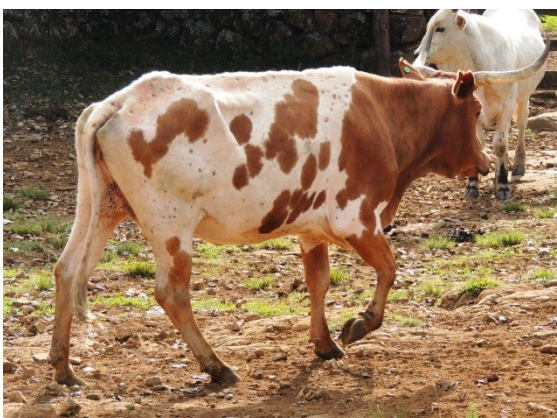


Figura 28: Pintada.



Figura 29: Rosilha Bragada.



Figura 30 Rosilha Salina.



Figura 31: Rosilho.



Figura 32: Salina Moura.



Figura 33: Salina Preta.



Figura 34: Salina Vermelha.



Figura 35: Salina.



Figura 36: Vermelha Bragada Estrela.



Figura 37: Vermelha Bragada.



Figura 38: Vermelha.



Figura 39: Vermelho Gargantilha.



Além das imagens, foram encontradas variedades de pelagem que não há denominação conhecida, por isto decidiu-se nomeá-la de Berrenda, pelo motivo de que ela se assemelha a uma raça espanhola chamada de Berrendaen Colorado.

Figura 40: Berrenda (Fêmea da Raça CL.) Figura 41: Berrenda (Macho da Raça CL.)



Figura 42: Berrenda Oveira Pintada.



Figura 43: Raça Espanhola Berrenda en Colorado.



Fonte: Ministério da Agricultura da Espanha.

Segundo o manual da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (OLIVEIRA,2012), pelagem é o conjunto de pêlos, de uma ou diversas cores, espalhadas pela superfície do corpo do animal. Há variadas denominações das pelagens, visto que, encontra-se diferentes tipos difundidos pelo mundo e também com diferentes designações regionais e geográficas.

Nos bovinos, o estudo das pelagens foi perdendo importância à medida que as raças europeias e as zebuínas foram absorvendo os rebanhos primitivos de raças ibéricas que compunham o rebanho brasileiro. O próprio conceito de raça: “grupo de indivíduos que possuem características anatomofisiológicas comuns e geneticamente transmissíveis que os distinguem de outros da mesma espécie” já induz a ideia de que deve haver certo grau de homogeneidade no exterior dos indivíduos para caracterizá-los como da mesma raça. E nada é mais evidente a um primeiro olhar do que uma

pelagem uniforme. Com isso, nas raças modernas tornou-se quase obsoleto o conhecimento sobre as pelagens, pois estas se confundem com o próprio reconhecimento da raça.

Entretanto, ao fazer cruzamentos em rebanhos comerciais, ressurgem as pelagens mais primitivas e o homem do campo utiliza o conhecimento popular da nomenclatura das pelagens para se referir aos animais. A atual escassez de referências acadêmicas sobre o assunto deixa alguns profissionais despreparados para comunicar-se no campo.

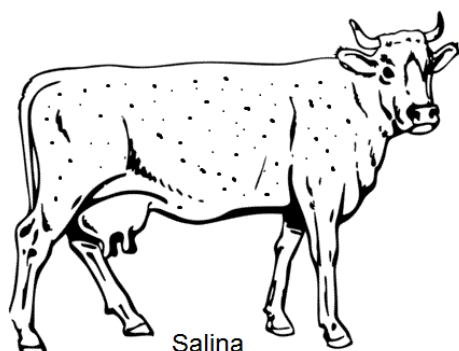
Todas as variações de pelagens observadas nos bovinos dependem da combinação de três cores dos pelos: brancos, vermelhos e pretos. Assim, animais que apresentam o corpo coberto unicamente, ou quase totalmente, por algum destes são designados como de pelagem branca, vermelha ou preta. Estas são as pelagens básicas.

Quando duas cores de pelos se misturam sem a formação de manchas, ou seja, sem evidente concentração de uma delas, podemos ter: rosilho (vermelho e branco), mouro (preto e branco) ou osco (vermelho e preto). O nome Moura tem origem dos mouros da Mauritânia.

Quando há “desvios” do branco para o amarelo podemos ter o barroso e o baio. Geralmente o baio é de um amarelo mais intenso que o barroso, este caracterizado como um branco amarelado, mas o que realmente os distingue é a cor do focinho. O barroso deve ter o focinho rosado, enquanto o baio tem o focinho preto. Pode ser considerada como um “desvio” do branco também a pelagem fumaça, que é aquela onde, em alguma região sob um fundo branco surgem pelos pretos como se formassem uma “cortina de fumaça”.

Podemos considerar como um quarto tipo de pelagens aquelas em que há concentração de pelos (mancha) de uma determinada cor em regiões inespecíficas. Neste caso, quando são manchas vermelhas ou pretas muito pequenas, como que salpicadas sobre um fundo branco temos a pelagem salina.

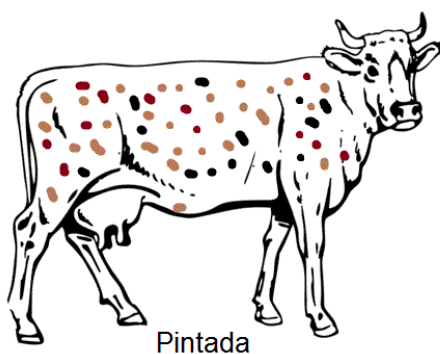
Figura 44: Ilustração da pelagem salina.



Fonte: Confeccionado pelo autor.

Apresentando pontos um pouco maiores do que quando comparado com a salina temos a pelagem pintada.

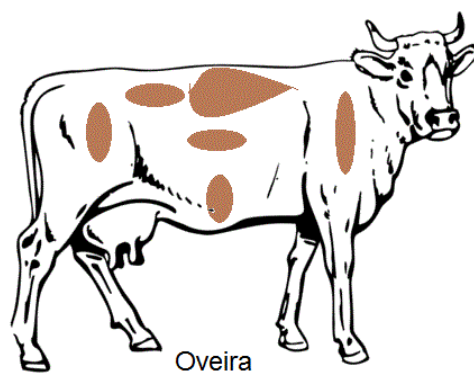
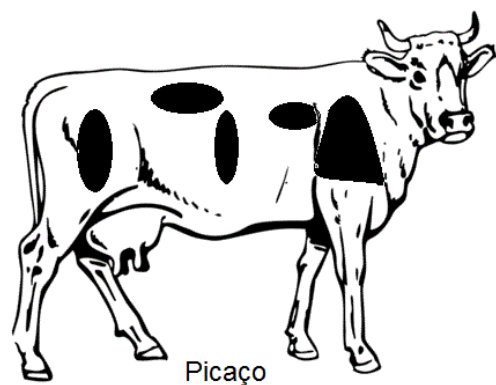
Figura 45: Ilustração da pelagem pintada.



Fonte: Confeccionado pelo autor.

Quando são manchas maiores há especificidade na designação da pelagem: se preto e branco é picaço, se vermelho e branco é oveiro.

Figura 46: Ilustração da pelagem picaço. Figura 47: Ilustração da pelagem oveira.

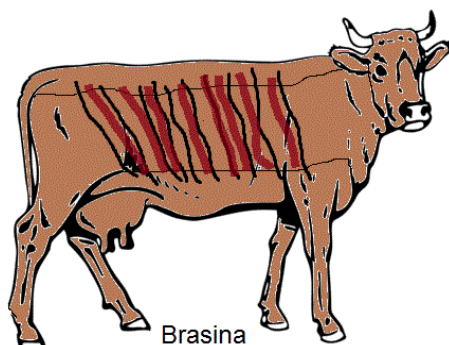


Fonte: Confeccionado pelo autor.

Há um tipo característico de manchas, em formato de estrias, que ocorrem principalmente no dorso e garupa, mas podem se estender por quase todo o corpo que

caracterizam o animal brasino. Normalmente sobre um fundo avermelhado, mas pode ser acinzentado, surgem estas estrias. Acredita-se que esta denominação provenha da imagem de um braseiro.

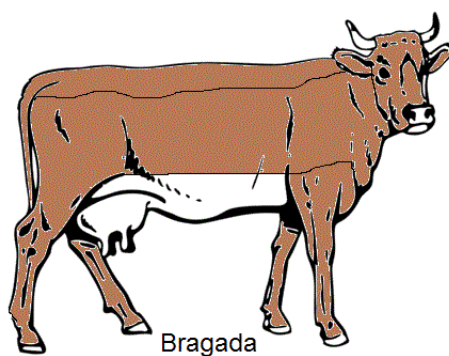
Figura 48: Ilustração da pelagem brasina.



Fonte: Confeccionado pelo autor.

Uma quinta categoria de pelagens é aquela em que ocorrem as misturas de pelos com concentração (manchas) em regiões específicas. É o caso do bragado, onde a mancha é localizada na região do ventre ou da virilha.

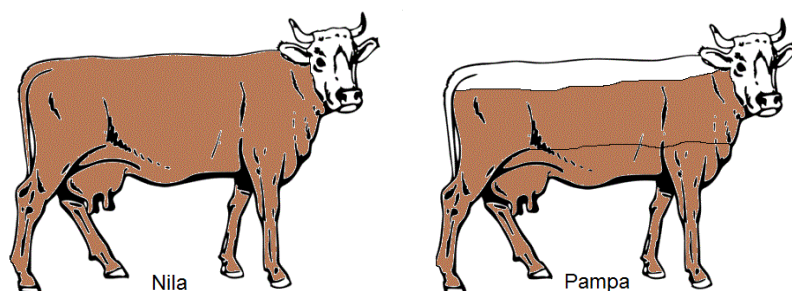
Figura 49: Ilustração da pelagem bragada.



Fonte: Confeccionado pelo autor.

A pelagem Nila designa o animal que tem a cara branca e corpo vermelho (mais comum) ou preto. A pelagem Pampa é semelhante, pois apresenta a cabeça branca e também apresenta uma linha branca na região do dorso.

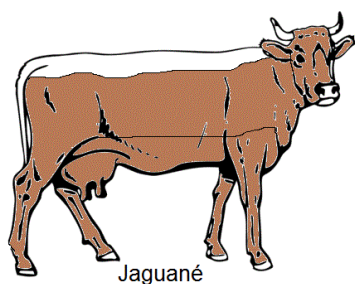
Figura 50: Ilustração da diferença da pelagem nila e pampa.



Fonte: Confeccionado pelo autor.

A pelagem jaguané refere-se ao animal que apresenta uma listra branca na região dorso-lombar, podendo apresentar uma mancha branca na região do ventre. O termo é herança dos índios guaranis que assim denominavam o yaguane zorrilho, animal com característica listra branca da cabeça à cauda sobre pelos pretos ou vermelhos.

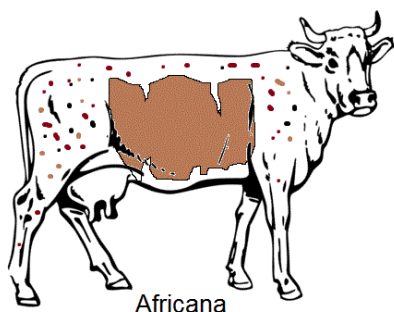
Figura 51: Ilustração da pelagem jaguané.



Fonte: Confeccionado pelo autor.

Já o Africano é o animal que apresenta uma mancha grande na região do costilhar.

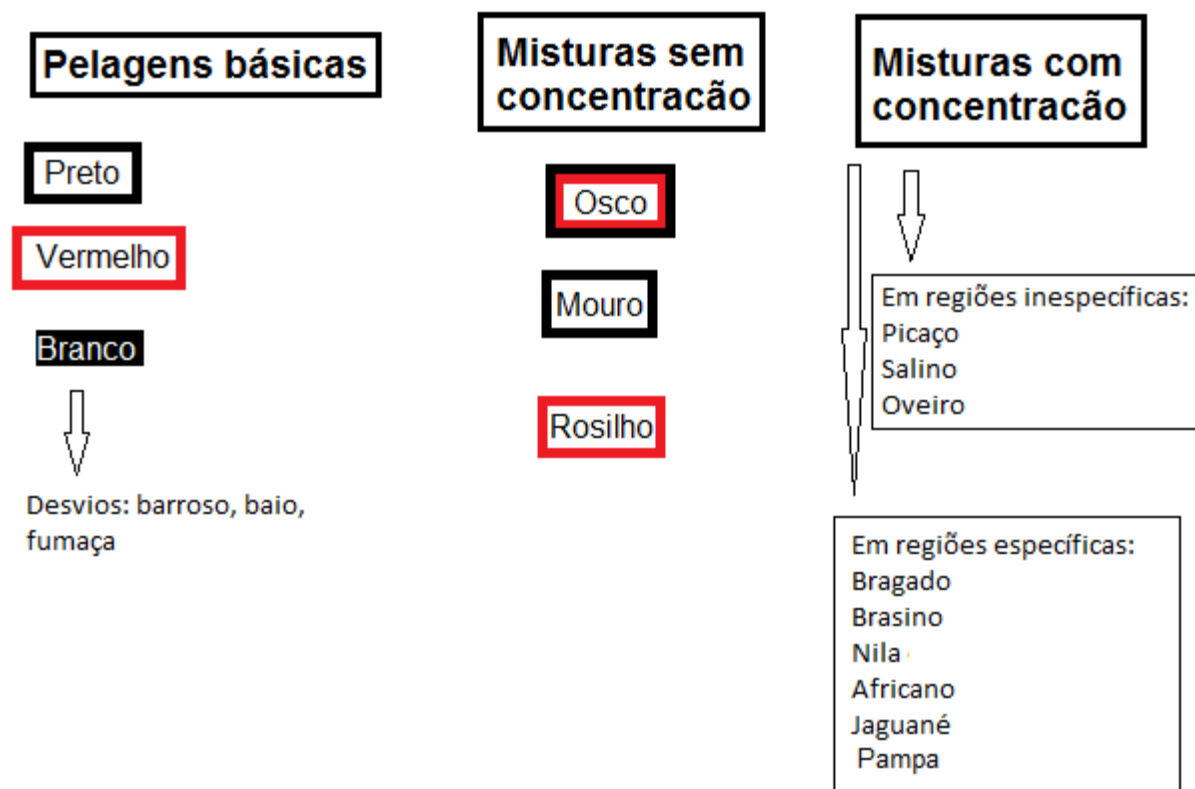
Figura 52: Ilustração da pelagem africana.



Fonte: Confeccionado pelo autor.

Eis uma proposta de chave de classificação:

Figura 53: Organograma das pelagens bovinas.



Fonte: Confeccionado pelo autor.

5.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS CRIADORES

Para delinear o perfil dos criadores da raça, a forma utilizada foi a aplicação de um questionário, que encontra-se em anexo. O objetivo deste questionário foi levantar o número total de animais da raça Crioula, o manejo que a mesma recebe, a importância financeira da raça nas propriedades, e a sucessão da raça pelos herdeiros desses animais.

Tabela 1 – Informações Gerais do Rebanho da Raça Bovina Crioula Lageana.

Produtor	Área (ha)	Número de Animais	Município de SC
01	350	82	Ponte Alta
02	210	200	Ponte Alta
03	115	90	Painel
04	250	60	Lages
05	180	75	Curitibanos
06	952	285	Lages
07	246	150	Lages
Total	2.303	942	

Fonte: Dados coletados pelo autor.

Na Tabela 01 estão descritos as principais propriedades da raça. Conforme podemos visualizar na Tabela 01, estima-se que 7 criadores detêm cerca de 95% do rebanho total da espécie. Todos estes 7 possuem propriedades na região da serra catarinense, mas há outros pequenos criadores, que residem em outras regiões do estado e até mesmo em outros estados, porém possuem poucos exemplares da raça. Pode-se destacar também o total de animais, estimado em 942 cabeças, criadas em uma área total de 2.303 hectares.

Com relação a perguntas referentes ao manejo reprodutivo e nutricional, a maioria dos produtores destaca a rusticidade dos animais, por este motivo os animais são criados a pasto, no campo nativo e recebem sal mineral. A reprodução é realizada com monta natural na maioria dos casos, com alguns criadores que utilizam a inseminação artificial, porém sem definição de estação de monta.

Com relação ao controle sanitário, os animais recebem vacinas em apenas casos especiais. Como já foi mencionado, os criadores informam que os animais são muito rústicos e por este motivo praticamente esses indivíduos não apresentam endoparasitas e nem ectoparasita.

Tabela 2 – Porcentagem da receita das propriedades.

Propriedades	Receita total da propriedade em relação a Bovinocultura	Renda Familiar em relação a Bovinocultura	Receita da Raça Crioula Lageana em relação a Receita da Propriedade
1	0 a 25%	0 a 25%	0 a 25%
2	76% a 100%	51% a 75%	51 a 75%
3	76% a 100%	26% a 50%	76% a 100%
4	76% a 100%	51% a 75%	26% a 50%
5	76% a 100%	26% a 50%	76% a 100%
6	26% a 50%	26% a 50%	26% a 50%

Fonte: Dados coletados pelo autor.

Na Tabela 02, podemos explorar a questão da renda dos produtores. Pode-se observar que a renda da propriedade basicamente provém da bovinocultura, porém esta não é a renda principal dos produtores. Ainda há de se considerar que somente uma parte dos bovinos da propriedade são da raça Crioula Lageana.

Desta forma interpreta-se que possivelmente esses pecuaristas sobrevivem com uma renda fora da bovinocultura e que a venda dos bovinos seja uma renda extra. E que talvez a criação da raça bovina Crioula Lageana seja para que a mesma não entre em extinção.

Figura 54: Possibilidade de sucessão.



Fonte: Confeccionados pelo autor.

A Figura 53, trata da questão da sucessão das atividades agropecuárias desenvolvidas pelos atuais proprietários das fazendas. Esta questão foi abordada pelo fato de que a maior parte do rebanho está concentrada em poucas propriedades. Caso estes atuais produtores parem de criar estes animais, a raça pode ser extinta.

Conclui-se que a possibilidade de sucessão é a seguinte, 50% responderam que era possível, 34% responderam que provável e apenas 16% respondeu que era muito provável a sucessão, nenhum respondeu como improvável.

A possibilidade de sucessão citada acima, refere-se aos filhos dos atuais produtores, onde o provável cenário é de que haja continuidade na criação da raça, porém há incertezas sobre quantos desses irão realmente continuar com a produção e se os netos também possuem o interesse nesta produção.

6 CONCLUSÕES

Com a realização desta pesquisa, foram levantadas e descritas um total de 39 pelagens expressadas pela raça bovina Crioula Lageana, sendo apenas uma desconhecida e que foi intitulada de Berrenda.

Com relação aos criadores, conclui-se que a maior parte da renda destes, não tem origem com a comercialização dos bovinos crioulos, sendo talvez o objetivo da criação desta raça a preservação genética, ambiental e cultural, mesmo que ela tenha potencial para ser explorada financeiramente. Desta forma, o futuro da criação da raça é incerto, pois depende das futuras gerações terem interesse em continuar a produção da raça Crioula Lageana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBRÓSIO FLORES, JULIA. **Raza bovina BERRENDA EN COLORADO**. Disponível em: <<https://www.mapa.gob.es/es/ganaderia/temas/zootecnia/razas-ganaderas/razas/catalogo/peligro-extincion/bovino/berrenda-colorado/default.aspx> >
- BRASIL, Portaria n.º 1.048, de 31 de Outubro de 2008. Reconhecer a raça de bovinos denominada Crioula Lageana e a sua Variedade Mocha**. Diário Oficial da União, 03 de Novembro, 2008.
- DAMIANI, NADIR LURDES. **As Reduções Jesuíticas**. 2019. Disponível em: <<http://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1420/reducoes-jesuititas-%E2%80%93-resumo---1%C2%BA-e-2%C2%BA-periodo.html>>
- FORTKAMP, C. **Estrada da mata: Espaço, Economia e Sociedade entre os Séculos XVIII e XXI**. Costa Rica: Revista Geográfica de América Central, 2011.
- MARTINS, V.M.V. et al. **Raça crioula lageana: o esteio do ontem, o labor do hoje e a oportunidade do amanhã**. Lages: ABCCL, 2009.
- MCMANUS, C; RIBEIRO, R; SEIXAS, L. **A Raça Crioula Lageana**. 2010. Disponível em: <animal.unb.br em 21/09/2010>
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO, Comissão de Recursos Genéticos para Agricultura e Alimentação. **Situação Mundial dos Recursos Genéticos Animais para Agricultura e Alimentação**. Brasília, 2010.
- OLIVEIRA, RODRIGO ARRUDA DE. **As Pelagens dos Equídeos**. 2012. Disponível em: <<http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2017-04/cartilha-pelagens-web-2-final.pdf>>
- PERON, ANDRÉ et al. **Santa Catarina: História, Espaço Geográfico e Meio Ambiente**. Florianópolis: Insular, 2009.
- RODRIGUES, VICTOR CRUZ. **Exterior e raças de bovinos e bubalinos**. Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAfDNsAD/parte-1-exterior-nomenclatura>>
- Santa Catarina em Números. **Macrorregião Serra Catarinense/SEBRAE**. Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Macrorregiao%20-%20Serra%20Catarinense.pdf> >

ANEXOS

ANEXO A -QUESTIONÁRIO

Questionário

Prezados(as),

A pesquisa da qual o Sr.(a) está participando tem por objetivo conhecer melhor o perfil dos produtores da Raça Crioula Lageana. Suas opiniões serão mantidas em sigilo e as informações obtidas servirão apenas para fins acadêmicos. Não é obrigado terminar o questionário caso alguma pergunta lhe traga algum incomodo ou mal estar.

Identificação da Propriedade

Designação: _____

Município/Estado: _____

Localização: _____

Área (ha): _____

Número de animais da raça Crioula Lageana: _____

Identificação do Proprietário

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

e-mail: _____

Como vê a possibilidade dos sucessores manterem a criação da raça.

Muito provável Provável Possível Improvável

Importância da raça como fonte de renda

Receita da Bovinocultura em relação à:	0 a 25%	26 a 50%	51 a 75%	76 a 100%
1. Receita total da propriedade				
2. Renda Familiar				
Receita da CL/Receita Propriedade				

Caracterização do sistema de produção

- Gestão: escrituração zootécnica, planejamento econômico/financeiro.

- Instalações:

3. Ambiente:

4. Formação/Manejo de pastagens:

5. Suplementação alimentar:

6. Controle sanitário:

Vacinações

Endoparasitas

Ectoparasitas

7. Manejo reprodutivo e nutricional:

Tamanho do rebanho – única raça?

Categorias do rebanho – composição atual

Vacas de cria	
Novilhas em cria	
Novilhas em recria	
Vacas de invernar	
Terneiros/as	
Novilhos 1 a 2 anos	
Novilhos 2 a 3 anos	
Bois	
Touros adultos	
Touros jovens	

Idade/peso de abate: _____

Natalidade: _____

Estação de monta: _____

Idade/peso desmame: _____

Manejo nutricional

- desmame ao 1º acasalamento fêmeas: _____

- da 1º acasalamento ao 1º parto: _____

- das fêmeas adultas (após 2º parto): _____

- desmame e recria machos: _____

-recria e terminação machos: _____

Critérios para escolha de touro: _____

Critérios para descarte vacas: _____

Uso de IA: _____

Percepção quanto ao valor zootécnico da raça CL

Atribua uma nota de 0 a 10 para a raça CL e outra(s) raça(s) criada(s) na Fazenda com relação a:

Raça	Crioula Lageana			
Rusticidade				
Temperamento (Mansidão)				
Fertilidade				
Facilidade de parto				
Peso ao desmame da cria				
Velocidade de crescimento (ganho de peso)				
Qualidade da carne				

Alguma outra observação quanto a atributos da raça?
